

**“Consumo de substâncias psicoactivas em adolescentes de uma Escola Secundária
com 3º Ciclo: Que realidade?”**

Autores: A. Carvalho¹, E. Lemos¹, F. Raimundo¹, M. Costa¹, F. Cardoso¹, M.C. Sousa Carmo¹, C. Antunes¹, F. Gomes², A. Rocha², D. Alhais² e A. Andrade².

*1.-Escola Superior de Enfermagem, 5000-911 Vila Real -
amanciocarv@hotmail.com;*

2.-Escola Secundária Camilo Castelo Branco, 5000 -657 Vila Real, Portugal.

1. Introdução

O presente artigo resulta de um projecto de investigação/acção, no âmbito da Promoção da Saúde, que está a ser desenvolvido numa Escola Secundária com 3º ciclo, do concelho de Vila Real. Com este estudo, pretendeu-se caracterizar o consumo de substâncias psicoactivas, em 678 alunos do 7º ao 10º ano de escolaridade.

Uma vez que, na opinião de Negreiros (1999), o consumo de substâncias psicoactivas representa um fenómeno social que assume contornos preocupantes no nosso país, atendendo a que não é possível, avançar-se para uma intervenção preventiva eficaz, sem uma noção dos contextos (Melo, 2000) e tendo em conta que a preocupação de todos os que querem tornar a prevenção uma verdadeira ciência passará, também, por conhecer as razões e factores que estão na origem, directa ou indirecta do problema (Mendes, 2000), pensamos ser importante, como ponto de partida, conhecer a realidade dos consumos de substâncias psicoactivas neste contexto.

Partindo do pressuposto, que a adolescência é um período complexo do desenvolvimento humano e de considerável risco, para o consumo de substâncias psicoactivas, devido às suas características psicológicas, também não é menos verdade, de que constitui um período muito favorável a intervenções significativas de promoção da saúde (Frasquilho, 1997).

2. Método

O presente estudo é de carácter exploratório e transversal. A população é constituída pelos alunos do 7º ao 10º anos de escolaridade a frequentar a Escola Secundária com 3º Ciclo Camilo Castelo Branco de Vila Real, num total de 742 alunos. Não se procedeu a qualquer amostragem, tendo participado voluntariamente no estudo 678 alunos, que estavam presentes no momento da recolha de dados, cerca de 91,4% da população total.

Para a recolha de dados, utilizámos um questionário de auto-preenchimento, construído para o efeito, que entre outros aspectos, pretendia conhecer a prevalência do consumo de café, bebidas alcoólicas, tabaco e drogas ilegais e identificar relações entre alguns factores e os referidos consumos.

3. Procedimento

Os questionários foram aplicados pelos próprios investigadores durante as sessões lectivas de educação física, no período de 13/12/2004 a 04/01/2005. Para o tratamento dos dados recorreremos às frequências relativas, média e desvio padrão e procedemos à realização de testes de χ^2 , t de Student e ANOVA. Consideramos existirem diferenças

estatisticamente significativas, no caso de $p < 0,05$ (Hill e Hill, 2000; Pestana e Gageiro, 2003). As prevalências referem-se ao consumo nos últimos 30 dias.

4. Resultados

Apresentamos uma breve caracterização dos respondentes, quanto às principais variáveis em estudo no **Quadro I**. Participaram neste estudo 329 (48,5%) raparigas e 349 (51,5%) rapazes, com idades compreendidas entre os 11 e os 19 anos, sendo a classe etária mais representada a dos 13-15 anos com 424 alunos (62,5%). A média de idades é 14,06 anos, a moda 15 anos e o desvio padrão 1,54 anos. Quanto às reprovações, 493 (72,7%) alunos responderam não ter tido reprovações e 164 (24,2%), assinalaram ter tido pelo menos uma reprovação. No que diz respeito à proveniência, verificamos que existe quase uma igualdade entre os alunos provenientes do meio rural, 283 (41,7%) e os alunos provenientes do meio urbano, 282 (41,6%). O menor número provém do meio urbano/rural (vilas), 95 (14,0%) alunos.

Quadro I – Caracterização dos respondentes

Variáveis	Frequência absoluta	Frequência relativa %
Sexo		
Raparigas	329	48,5
Rapazes	349	51,5
Classes etárias		
11-12 Anos	141	20,8
13-15 Anos	424	62,5
≥ 16 Anos	113	16,7
Reprovações		
Sem reprovações	493	72,7
Com reprovações	164	24,2
Não respondentes	21	3,1
Proveniência		
Meio rural	283	41,7
Meio urbano	282	41,6
Meio urbano/rural	95	14,0
Não respondentes	18	2,7

Consumo de substâncias psicotrópicas

Já experimentaram tomar café 75,2% do total de respondentes (n=510) e assinalaram ser consumidores 43,1% (n=292), sendo 19,0% raparigas e 24,1% rapazes. A classe etária com maior número de consumidores é a dos 13-15 anos (**Fig. 1**). Quanto à frequência deste consumo, verifica-se que, de entre os consumidores, 50,3% são consumidores ocasionais,

35,3% consumidores regulares e 11,3% consumidores abusivos. Houve 3,1% de consumidores que não responderam a esta questão.

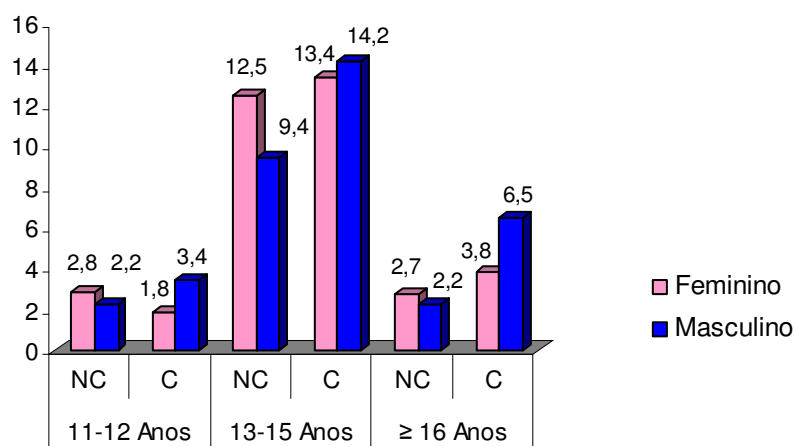


Fig.1 – Distribuição quanto ao consumo de café por sexo e classe etária (%)

A idade de iniciação a este consumo situa-se entre os 1 e 17 anos, sendo a moda os 12 anos. Este consumo é feito, predominantemente em casa (25,7%) e no café/restaurante (23,2%), na companhia dos pais (19,8%).

Verificamos existirem diferenças muito significativas (χ^2 : $p=0,007$), entre os sexos, no que diz respeito ao consumo de café. Existe maior proporção de rapazes que consomem café do que raparigas. Existe diferença significativa entre as classes etárias (χ^2 : $p=0,041$). A classe etária dos 16 e mais anos apresenta maior proporção de consumidores. Também se verificou existir diferença significativa (χ^2 : $p=0,020$), entre os que assinalaram não ter reprovado e os que referem ter reprovado. Existe maior proporção de reprovados, que consomem café.

No que concerne às bebidas alcoólicas, experimentaram estas bebidas, 60,5% (n=410) do total de respondentes e assinalaram ser consumidores 49,0% (n=332), sendo 21,5% do sexo feminino e 27,5% do sexo masculino. A classe etária com maior número de consumidores é a dos 13-15 anos (**Fig.2**). Quanto à frequência de consumo verifica-se que, 56,9% são consumidores ocasionais, 16,0% consumidores regulares e 0,6% consumidores abusivos, sendo que 26,5% dos consumidores não responderam à questão da frequência.

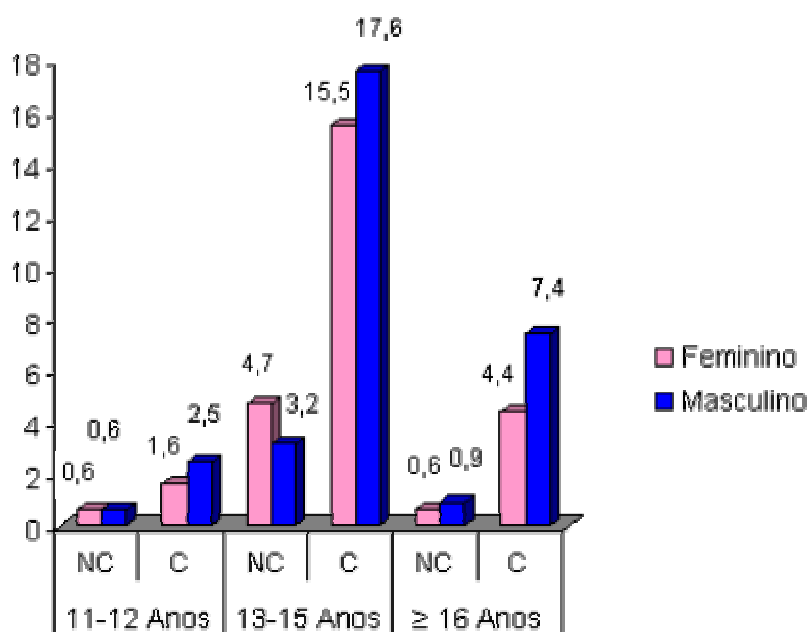


Fig.2 – Distribuição quanto ao consumo de bebidas alcoólicas por sexo e classe etária (%)

A idade de iniciação de consumo a esta substância situa-se entre os 4 e os 16 anos, sendo a moda os 13 anos. De salientar que 16,5% dos alunos referem ter-se embriagado, pelo menos, uma vez. As bebidas mais consumidas por estes jovens são a cerveja, shots e bebidas brancas (15,5%) e os shots associados às bebidas brancas (10,5%). Bebem, predominantemente, nos bares/discotecas durante as festas (25,8%) e em casa (7,7%), com os amigos/colegas/namorado (34,2%), mas também com os pais (9,1%).

Não existem diferenças significativas entre os sexos no que diz respeito ao consumo de bebidas alcoólicas. Essas verificam-se na média da frequência do consumo, sendo que os rapazes consomem estas substâncias com mais frequência (t de Student: $p=0,032$). Constatamos, ainda, existirem diferenças significativas entre os alunos cujos pais estão separados e os alunos cujos pais vivem em comunhão. Os primeiros alunos consomem bebidas com mais frequência (t de Student: $p=0,032$).

No que diz respeito ao tabaco, já experimentaram fumar, 41,2% ($n=279$) do total de respondentes e assinalaram ser consumidores 16,5% ($n=112$), sendo 7,6% raparigas e 9,1% rapazes. A classe etária com maior número de consumidores continua a ser a dos 13-15 anos (**Fig. 3**). Em relação à frequência deste consumo, 25,0% dos alunos são considerados consumidores ocasionais, 22,3% consumidores regulares e 48,2% consumidores abusivos. Houve 4,5% de alunos consumidores que não responderam a esta questão.

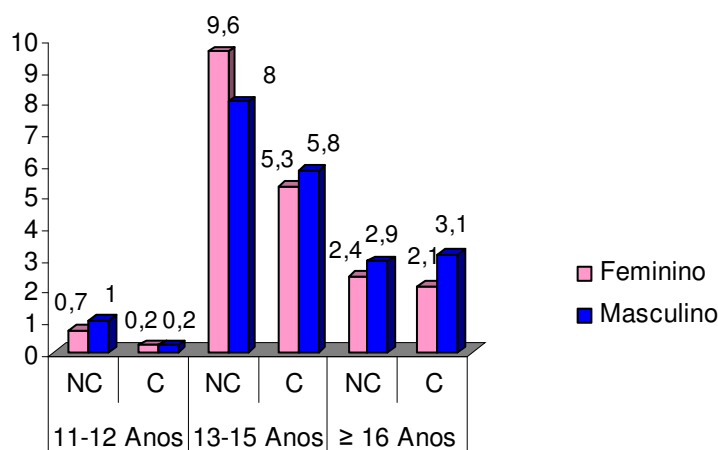


Fig.3 - Distribuição quanto ao consumo de tabaco por sexo e classe etária (%)

A idade de iniciação do consumo de tabaco situa-se entre os 6 e os 17 anos, sendo a moda os 13 anos. Os alunos fumam nos bares/discotecas e em casa de amigos durante as

festas (4,6%), na escola (2,2%) e na rua (1,0%), predominantemente acompanhados dos seus amigos/colegas/namorado (21,6%).

Não se constataram diferenças estatisticamente significativas entre os sexos, mas entre as classes etárias foram observadas diferenças significativas (χ^2 : $p=0,038$), sendo na classe etária dos 16 e mais onde existe maior proporção de consumidores (+1,8 de resíduo ajustado). Relacionamos ainda, o consumo de tabaco com a existência de reprovações, tendo verificado existirem diferenças muito significativas (χ^2 : $p=0,003$) em que existem mais consumidores entre os alunos que já tenham tido reprovações (resíduo ajustado +3,1).

No que se refere às drogas ilícitas, experimentaram estas substâncias 7,4% ($n=50$) do total de respondentes e consideraram-se consumidores 4,0% ($n=27$), sendo 1,1% do sexo feminino e 2,9% do sexo masculino. A classe etária com maior número de consumidores é a dos 13-15 anos. Não existem consumidores na classe dos 11-12 anos (**Fig. 4**). Quanto à frequência deste consumo, 51,9% dos alunos são consumidores ocasionais, 22,2% consumidores regulares e 3,7% consumidores abusivos. Houve 22,2% de alunos consumidores que não responderam a esta questão.

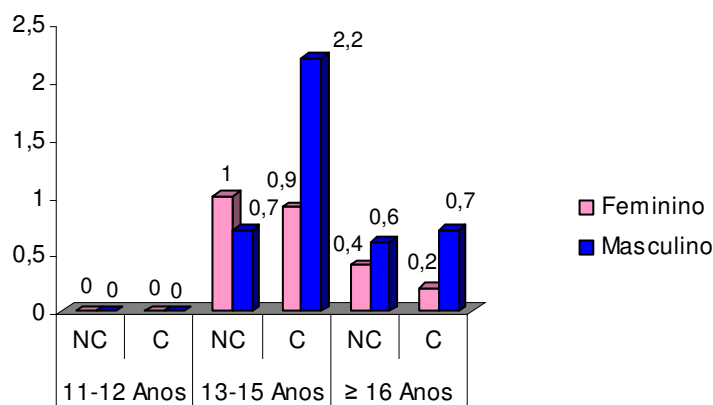


Fig.4 – Distribuição quanto ao consumo de drogas ilícitas por sexo e classe etária (%)

A idade de iniciação ao consumo destas substâncias localiza-se entre os 10 e os 17 anos, sendo a moda inferior os 13 anos. As drogas ilícitas mais consumidas são a cannabis e derivados (2,9%), cannabis e outras drogas (0,8%), existindo 0,6% dos alunos que consomem heroína e cocaína. Estes consumos são feitos, sobretudo na escola/bares/discotecas, em casa de amigos (2,4%), durante as festas, existindo, no entanto, consumos na rua (0,4%). Os jovens efectuem os consumos, predominantemente, na companhia dos amigos/colegas/namorado (3,9%), sendo de realçar que 0,5% dos alunos consomem sozinhos.

Verificamos existirem diferenças estatísticas muito significativas (t de Student:p=0,01) em termos da média da frequência do consumo entre os sexos. O sexo masculino consome estas substâncias em média mais 1,20 vezes por semana do que o sexo feminino.

Perguntamos aos questionados a sua opinião acerca das consequências/efeitos das bebidas alcoólicas e do tabaco no ser humano e das motivações que poderão levar as pessoas a consumir drogas ilícitas. Em relação às consequências/efeitos do álcool, 73,7% da amostra assinalaram que esta substância causa acidentes, 67,6% que causa problemas de saúde e 61,9%, que torna as pessoas mais violentas. É de realçar, que 24,9% dos alunos indicaram que as bebidas alcoólicas tornam as festas mais divertidas e 15,6% assinalaram que ajudam a aquecer o corpo, mitos que ainda estão arraigados nestes jovens.

Quanto ao consumo de tabaco, 82,9% do total de alunos assinalaram que fumar é mau para a saúde, 61,7% que causa mau hálito e 51,6% assinalaram que os fumadores morrem mais jovens, que os não fumadores. Acerca deste consumo também continuam a persistir

alguns mitos como o de que acalma os nervos (25,4%) e torna as pessoas mais adultas (4,9%).

No que se refere às motivações, que podem levar as pessoas a consumir drogas, as mais assinaladas são o ter problemas (55,9%), o querer experimentar outras sensações (50,3%) e o serem pessoas fracas (38,1%).

5. Discussão e conclusões

O presente estudo permitiu-nos caracterizar o consumo de substâncias psicoactivas nesta população. Analisando os resultados obtidos constatámos que a prevalência de consumo, por sexo, de café, bebidas alcoólicas, tabaco e drogas ilícitas foram, respectivamente, no sexo feminino, 19,0%, 21,5%, 7,6% e 1,1% e no sexo masculino, 24,1%, 27,5%, 9,1% e 2,9%.

As variáveis sexo e classe etária assumiram-se como variáveis importantes na compreensão destes consumos. Todos os consumos são mais elevados no sexo masculino e a classe etária dos 16 e mais anos é a que apresenta uma percentagem de consumidores mais elevada, excepto, no consumo de drogas ilícitas, em que a classe etária com maior percentagem de consumidores, é a dos 13-15 anos, o que é preocupante.

As idades de iniciação aumentaram do consumo de café para o consumo de drogas ilícitas. No entanto o limite inferior é muito baixo (café-1 ano; álcool – 4 anos; tabaco – 6 anos e drogas ilícitas – 10 anos), com as possíveis consequências que o consumo destas substâncias poderá ter no crescimento e desenvolvimento e saúde destes jovens. Por outro lado, o quadro agrava-se, se tivermos em conta o tipo de bebidas mais consumidas, shots e

bebidas brancas (26,0%) com alto teor alcoólico e o consumo abusivo do tabaco (48,2%). A droga ilegal mais consumida é a cannabis (3,7%).

No que diz respeito aos contextos de consumo verifica-se que, enquanto no caso do café e álcool, os consumos também acontecem em casa (contexto familiar), no caso do tabaco e das drogas ilícitas os bares/discotecas, a própria escola e a rua parecem ser os privilegiados.

Em relação à questão, com quem se realizam os consumos, o caso do café e do álcool, também é diferente do tabaco e drogas ilícitas. Os alunos consomem, predominantemente, café com os pais, que ainda os acompanham no consumo de bebidas alcoólicas, embora neste caso já se manifeste mais a influência dos pares (amigos/colegas/namorado). Esta influência é mais acentuada no tabaco e nas drogas ilícitas. Nestes casos existem alunos que consomem sozinhos, denotando já uma certa dependência.

Os dados relativos à prevalência dos consumos associados aos dados relativos às idades de iniciação dos consumos, permitem-nos sugerir, que a prevenção primária se faça antes dos 12-13 anos e que seja continuada no 3º ciclo e secundário. As intervenções, deverão ter em conta o maior envolvimento do sexo masculino nos consumos e o papel das emoções, uma vez que, uma das principais motivações para o consumo de drogas parece ser o “experimentar novas sensações”.

Referências Bibliográficas

- Carvalho, J. N. N. (1991). *Prevenção do abuso do álcool e drogas nos jovens*. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Frasquilho, M. A. (1996). *Comportamento problema em adolescentes: Factores protectores e educação para a saúde*. Lisboa: Laborterapia.
- Hill, M. M., & Hill, A. (2000). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Melo, R. A. S. (2000). Metodologias de intervenção na prevenção primária da toxicod dependência. *Toxicod dependências*, 6 (1), 49-56.
- Mendes, F. (2000). Toxicod dependência e prevenção familiar: Uma política para a Europa. *Toxicod dependências*, 6 (3), 61-66.
- Morel, A. et al. (2001). *Prevenção das toxicomanias*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Negreiros, J. (1999). O futuro da prevenção das toxicod dependências. *Toxicod dependências*, 5 (3), 35-39.
- Pestana, M. A., & Gageiro, J. N. (2003). *Análise de dados para ciências sociais. A complementaridade do SPSS (3ª ed.)*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Preto, L. S. R. (2003). Padrões de consumo de substâncias psicoactivas em estudantes do ensino superior no distrito de Bragança. A influência dos factores psicossociais. *Revista de Investigação em Enfermagem*, 7, 12-23.
- Seibel, S. D., & Toscano, A. (2001). Conceitos básicos e classificação geral das substâncias psicoactivas. In S. D. Seibel, & A. Toscano (Eds.), *Dependência de drogas* (pp. 1-6). São Paulo: Atheneu.